

CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA

O CINEMA ETNOGRÁFICO DO MARQUÊS DE WAVRIN

29 de Março de 2022

MARQUIS DE WAVRIN, DU MANOIR À LA JUNGLE / 2017

Um filme de Grace Winter e Luc Plantier

Realização e argumento: Grace Winter, Luc Plantier / Direcção de fotografia: Dominique Henry / Montagem: Luc Plantier / Música: Hughes Maréchal

Produção: Image Creations / Distribuidores: Cinematek, Icarus Filmes / Produtora: Anne Kennes / Cópia: dcp, preto e branco e cores, 85 minutos, legendado eletronicamente em português / Estreia Internacional: Argentina, 20 de Novembro de 2017 / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca

Com apresentação de Grace Winter

MARQUIS DE WAVRIN, DU MANOIR À LA JUNGLE pode ser considerado um duplo testemunho. Não só documenta a vida de Robert de Wavrin de Villers du Tertre, mais conhecido como Marquês de Wavrin, um dos primeiros realizadores etnográficos a filmar as paisagens e os povos até então desconhecidos na América do Sul, como testemunha e realça o impacto que a inesperada redescoberta de um trabalho esquecido desde os anos 40 pode ter na própria história do cinema, constituindo uma oportunidade para a rever e repensar a história do cinema etnográfico da com uma nova luz. As suas filmagens, cujo início data de 1920, sendo contemporâneo do cineasta Robert J. Flaherty, constituem indubitavelmente um corpo imagético extensivo e singular no contexto dos estudos antropológicos da América do Sul, confrontando o papel do cinema na sua relação com a memória colonial no contexto do início do Século XX.

Da obra do Marquês foram encontrados mais seis mil metros de película armazenados nos arquivos da Cinematek de Bruxelas, nos quais constavam os seus três dos seus filmes principais, AU PAYS DU SCALP (1931), CHES LES INDIENS SORCIERS (1934), VENEZUELA PETITE VENISE (1937), hoje acessíveis devido ao trabalho da realizadora deste documentário, Grace Winter, também investigadora e arquivista, responsável pela coleção de documentários da Cinematek. Winter estudou e inventariou todas estas imagens ao longo da última década, possibilitando a sua digitalização, assim como a reconstrução do seu primeiro filme, AU CENTRE DE L'AMERIQUE DU SUD INCONNUE (1924), do qual apenas 12 minutos permaneciam intactos. A riqueza do trabalho de de Wavrin expande-se para além dos seus filmes. Uma extensa obra escrita e visual, com mais de uma dúzia de livros e mais de duas mil fotografias, descrevem o seu percurso através de observações detalhadas dos povos, da fauna e da flora sul americanos.

Grace Winter e Luc Plantier recorrem a um cruzamento de todo o seu património visual e escrito, desconstruindo a imagem do Marquês enquanto delineiam a sua vida ao longo de uma aventura de facto inusitada. Oriundo de um contexto aristocrata Belga, o Marquês viaja em 1913 para a América do Sul em fuga após ser condenado por ter baleado duas crianças que transgrediam a sua propriedade, deixando uma delas gravemente ferida, iniciando assim a primeira de inúmeras viagens que se prolongaram durante de 30 anos, nas quais enveredou por inúmeras excursões pessoais por todo o continente, percorrendo a Argentina, o Paraguai, a Bolívia, o Brasil, a Colômbia e a Venezuela, contactando e criando relações próximas com inúmeras comunidades indígenas, à medida que desenvolveu um crescente interesse pelo trabalho etnográfico. Não manifestando a intenção de postular teorias antropológicas, o Marquês desenvolveu um trabalho declaradamente amador, baseado sobretudo em descrições e observações quotidianas despojadas do questionamento científico de um etnólogo profissional, todavia demonstrando um elevado espírito crítico e político, e uma incomum vontade de contruir uma profunda proximidade com as populações que visitou.

Uma das principais questões deste filme explora a ambivalência entre duas faces aparentemente paradoxais, nomeadamente entre a da excentricidade aristocrática do explorador branco, portador da imagem de superioridade ocidental que incorporava o vocabulário social e científico da época, e a do desejo de preservar culturas que enfrentavam o seu desaparecimento, motivador de um ativo confronto contra o racismo e a exploração que presenciou nas missões católicas e nas indústrias crescentes. Pela mesmo razão rejeitou sempre a participação em filmes motivados por interesses económicos. Ao contrário dos realizadores que tinham filmado na América do Sul anteriormente, entre os quais Theodor Koch, Major Luiz Thomas Reis e o português Silvino Santos tinham já feito filmes enquanto acompanhavam expedições comerciais e militares, o Marquês teve a oportunidade de financiar o seu próprio trabalho, e viajava em grupos pequenos, maioritariamente compostos por guias locais. Deste modo, podia prolongar as suas estadias nas povoações e absorvendo humildemente os seus conhecimentos e a sua mentalidade.

No ensaio *The Life and Work of Marquis Robert de Wavrin, an Early Visual Anthropologist* (2020), Grace Winter realça que a sua intimidade com os povos indígenas baseia-se numa “*observação participante*” (método popularizado por Malinowski), que dá origem a uma antropologia baseada no quotidiano indígena e numa relação de íntima confiança e intimidade, capaz de quebrar as barreiras existentes na exterioridade da noção de “outro” instituída pela objetividade científica ocidental. Este método está patente no documentário através das muitas das imagens fotográficas e fílmicas nas quais podemos ver uma naturalíssima interação entre o Marquês e os nativos. A sua curiosidade e facilidade de integração possibilitou a captura de situações quotidianas extremamente íntimas, de adultos e de crianças, bem como de cerimónias até então interditas a pessoas exteriores, entre as quais a assinalável o seu testemunho de um ritual tsantsa, entre os Shuar, no qual encolhem as cabeças de inimigos que apanham. O valor destas imagens é potenciado pela sua notável sensibilidade visual, pela minúcia dos enquadramentos nos retratos, mas também das paisagens e dos animais, e pelo sentido de *mise-en-scène* presente em cada plano das danças e dos rituais, mas constroem, acima de tudo, uma estética enraizada nos vínculos comunitários, visíveis na simpatia das posturas e expressões de pessoas que contactavam pela primeira vez com uma camara de filmar, sendo um exemplo revelador das possibilidades estéticas contidas nas ideias universais de partilha e da compreensão do “outro”.

Manuel João Montenegro